

# Entre o antropológico e o porno-erótico: notas etnográficas de uma antropóloga- *camgirl* sobre trabalho sexual plataformizado

Between the anthropological and the porno-erotic:  
ethnographic notes of an anthropologist-camgirl  
on platform sex work

Caroline Coutinho Dal'orto<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-6439-5297>

[caroline.dalorto@gmail.com](mailto:caroline.dalorto@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia – Salvador, BA, Brasil

## Resumo

O artigo busca refletir sobre como as construções da autoridade e mobilidade etnográficas são moldadas pelas complexidades intrínsecas às condições de existência particulares ao campo em que nos situamos. Ao posicionar-me em campo enquanto um híbrido antropóloga-*camgirl*, desafio a própria construção celibatária (Kulick; Willson, 1995) de uma certa antropologia que preserva a assimetria entre sexo, dinheiro, pesquisa e subjetividade (Lino e Silva, 2014). Essa posicionalidade, ainda, se propõe a criticar o caráter objetivo e impessoal das estruturas de verificação e gerenciamento de confiança presentes nas empresas-plataforma (Slee, 2019), bem como algumas leituras feministas (Drenten; Gurrieri; Tyler, 2020; Dworkin, 1981; Pateman, 2016; Swain, 2004) que situam as trabalhadoras sexuais como aliadas ou vítimas inconscientes do desejo (hétero) sexual masculino. É a partir desses três princípios críticos que o presente artigo situa as particularidades e possibilidades metodológicas e seus efeitos teóricos baseados na *dupla* posicionalidade do(a) antropólogo(a).

**Palavras-chave:** mobilidade etnográfica; antropóloga-*camgirl*; trabalho sexual online; empresas-plataforma.

## Abstract

The article seeks to reflect on how the constructions of ethnographic authority and mobility are shaped by the intrinsic complexities of the conditions of existence particular to the field in which we are located. By positioning myself in the field as an anthropologist-*camgirl* hybrid, I challenge the very celibate construction (Kulick; Willson, 1995) of a certain anthropology that preserves the asymmetry between sex, money, research and subjectivity (Lino e Silva, 2014). This positionality also proposes to criticize the objective and impersonal nature of the trust verification and management structures present in platform companies (Slee, 2019) as well as some feminist readings (Drenten; Gurrieri; Tyler, 2020; Dworkin, 1981; Pateman, 2016; Swain, 2004) that situate sex workers as allies or unconscious victims of (hetero) male sexual desire. It is from these three critical principles that this article situates the particularities and methodological possibilities and their theoretical effects based on the *dual* positionality of the anthropologist.

**Keywords:** ethnographic mobility; anthropologist-*camgirl*; online sex work; platform companies.

## Entre a reflexividade “positivista” e “parcial”: a posicionalidade e o seu duplo

Em abril de 2018 abri uma conta no aplicativo Tinder<sup>1</sup> e viajei para São Paulo. Programei o aplicativo bissexualmente, isto é, rastreando o masculino e o feminino como gêneros de interesse. Na mesma semana, conheci “Angel”.<sup>2</sup> Ela era de São Paulo e eu moradora do Rio de Janeiro. Nossa intimidade foi construída a partir de experiências de término recentes. Trocamos redes sociais e nos acompanhamos por um tempo. Em meados do mesmo ano, Angel,<sup>3</sup> fazendo referência às minhas postagens no Facebook, convidou-me a “experieciar” um trabalho que ela realizava há seis anos. No mesmo mês, inscrevi-me na plataforma do Câmera Privê.

Em 2013, o empresário Henrique Meneghelli, experiente em produção e licenciamento de conteúdo erótico há dez anos, criou o site Câmera Privê, sob o grupo Dark Media Group Ltda., sediado na cidade de São Paulo. Embora existam outros sites de *camming*<sup>4</sup> brasileiros, como o Câmera Hot,<sup>5</sup> o Câmera Privê foi o site que ganhou mais popularidade pelo seu pioneirismo e intuitividade de layout.<sup>6</sup>

- 
- 1 O Tinder é um aplicativo para serviços de relacionamentos online, lançado em 2 de setembro de 2012 pela empresa de internet americana InterActiveCorp. O aplicativo cruza informações do Facebook e do Spotify, localizando pessoas geograficamente próximas e está disponível para os sistemas Android e iOS.
  - 2 Todos os nomes das minhas interlocutoras são fictícios, em vista de preservar o anonimato. Em seu trabalho sobre a indústria do sexo no ambiente digital Wesley Lopes Silva (2014, p. 75) reflete sobre as escolhas dos nomes de seus interlocutores ao levar em consideração: “Os nomes, pois, são escolhidos por elas objetivando expressar o que as pessoas podem esperar delas, a forma como elas ambicionam ser percebidas e também em conciliação com o que elas consideram como o enunciado semântico que poderá despertar o maior interesse para um grande número de clientes.” A criação dos nomes para essa pesquisa é iluminada por esse critério. Acrescento que as personagens aqui encontradas serão majoritariamente femininas, uma vez que faço um recorte metodológico de mulheres cisgênero.
  - 3 Jovem, paulistana, gorda, parda, pansexual e aberta às práticas de BDSM.
  - 4 Gíria que resulta da soma entre a palavra “cam” (câmera) e a terminação de tempo verbal “ing” em inglês, indicando o presente contínuo, na ação de transmitir chamadas de vídeos ao vivo via webcâmeras.
  - 5 Plataforma de *webcamming* erótico brasileira recentemente comprada por Henrique Meneghelli, sócio majoritário – e criador – do Câmera Privê.
  - 6 Afirmação feita pelas minhas interlocutoras, que mais tarde serão apresentadas.

Ao acessar o Câmera Privê o(a) usuário(a) se depara com um aviso sobre o conteúdo do site. “Aviso: O CÂMERA PRIVÊ É DESTINADO APENAS PARA ADULTOS!”, seguido da mensagem:

Por favor, leia o seguinte texto antes de entrar no site: Este website envolve conteúdo sexualmente explícito e impróprio para menores. Para prosseguir, você precisa ter pelo menos 18 anos de idade e ter atingido a maioridade legal em seu local de residência. Se você for menor de idade e decidir prosseguir, estará violando leis locais, estaduais, federais ou internacionais. Pais, utilizem ferramentas de controle parental, como Net Nanny ou K9 Web Protection, para controlar o que seus filhos veem. Entrando no site, você confirma a veracidade dos seguintes fatos:

1 → Tenho ao menos 18 anos de idade e sou maior de idade em meu local de residência.

2 → Não vou redistribuir nenhum conteúdo do website.

3 → Não vou permitir que menores de idade acessem o website ou qualquer conteúdo nele contido.

4 → Qualquer conteúdo que eu acessar ou baixar do website é de uso pessoal e não será mostrado a menores.

5 → Qualquer encenação de sexo explícito de dominação, sadomasoquismo ou outras atividades fetichistas são permitidas pelas leis locais que governam minha jurisdição.

6 → Não fui contatado pelos provedores do site e estou acessando e/ou baixando conteúdos por vontade própria.

7 → Estou acessando este website para consumir material adulto, e concordo que imagens de homens e mulheres em diversas situações sexuais não são obscenas ou ofensivas em qualquer circunstância. Além disso, não acredito que este material possa ser considerado obsceno ou ofensivo.

8 → É de meu conhecimento que meu uso deste website é governado pelos Termos de Uso do website e pela Política de Privacidade do website, que cuidadosamente analisei e aceitei, e concordo que estou legalmente resguardado pelos Termos de Uso e Política de Privacidade deste website.

9 → Concordo que, ao acessar este website, estou me sujeitando à exclusiva jurisdição do Estado de São Paulo caso a qualquer momento venha a ocorrer uma disputa entre o website e minha pessoa, como também consta nos Termos de Uso.

10 → Acredito que ao acessar o site estarei isentando os provedores, donos e criadores deste website de todas e quaisquer responsabilidades que possam ocorrer.

11 → Li cuidadosamente os itens descritos acima e estou de acordo com todos eles.

12 → **Clicando em “Eu Concordo”, você atesta que todos os termos acima são verdadeiros, que deseja entrar no site e que concorda com os Termos de Usos e a Política de Privacidade.**

A rigidez das normas etárias é imediatamente ultrapassada com apenas um clique do mouse: “Afirmo ter mais de 18 anos”. O layout inicial acompanha a logo do Câmera Privê, seguida de quatro barras verticalmente posicionadas no canto esquerdo superior com a descrição das sessões “Garotas ao vivo”, “Transex ao vivo”, “Garotos ao vivo” e “Transboys ao vivo”. No canto superior direito, é possível encontrar as opções “Cadastre-se Grátis”, “Área de modelo”, “Suporte” e a língua escolhida, variando entre português/Brasil, inglês, espanhol, português/Portugal, italiano, francês e alemão. Abaixo dessas opções, encontra-se o campo de preenchimento do login (para modelos e usuários) com e-mail e senha. Um pouco mais abaixo, encontra-se uma barra de busca, simbolizada por uma lupa, onde é possível procurar algum(a) modelo específico(a) pelo nome (*nickname*). Abaixo dessas opções, encontramos as imagens dos(as) modelos em pequenos quadrados verticalmente distribuídos em seis perfis. A visibilidade dos perfis é atualizada a cada 30 segundos, transferindo para o topo as salas recentemente acessadas. As fotos dos perfis dos(as) modelos recebem tarjas verdes com o nome “disponível”, para aqueles(as) modelos que estão no chat gratuito; tarja amarela sinalizando “chat simples” como modalidade de chat pago, onde serão descontados os créditos de 1,20 a 1,80 por minuto, dependendo da tarifa do(a) modelo; tarja roxa para “chat privado”, com taxas entre 2,10 e 2,80 créditos por minuto (nesta modalidade outros usuários podem pagar para ser “voyeur” e acompanhar a interação entre o(a) usuário(a) que pagou e o(a) modelo por uma taxa de 1,20 a 2,10 de crédito por minuto); tarja roxa escura para “chat exclusivo” com taxas de 2,70 a 3,30 créditos por minuto (nesta modalidade, não é possível que outras pessoas possam assistir ao show como “voyeur”); tarja laranja para a modalidade de *privacall*, permitindo ao(a) usuário(a) iniciar uma chamada de videoconferência, mesmo quando o(a) modelo não estiver online (os(as) modelos apenas poderão atender a uma chamada *privacall* através do celular cobrando

uma taxa de 3,60 a 4,20 por minuto); tarja cinza para “ausente”, isto é, modelos que estão offline.<sup>7</sup> Ao clicar na imagem de um(a) modelo o(a) usuário(a) acessa a página do perfil privado deles(as). Essa página contém uma foto de capa no topo, uma de perfil no lado esquerdo superior da tela seguida abaixo pelas sessões: “sobre mim”, “chat simples”, “chat privado/exclusivo”. Essas sessões são preenchidas abertamente pelos(as) modelos e, entre elas, é possível ter acesso a informações como o país de origem, línguas faladas e idade, bem como a quantidade de avaliações, seguidores(as) e “crushes” do(a) modelo. Na área central do perfil, visualizamos uma espécie de *timeline* em que se intercalam as fotos postadas pelo(a) modelo, organizadas entre gratuitas (abertas a visualização) e pagas (abertas mediante pagamento), e as avaliações dos(as) usuários(as), distribuídas em um comentário aberto e a marcação avaliativa entre 1 e 5 estrelas.

Enquanto à época da minha entrada no trabalho de *webcamming* encontrava-me graduanda em Filosofia pela UFRRJ e, pouco tempo depois, mestranda em Antropologia Social pela UFBA, passei a ocupar uma das *últimas castas* na hierarquia sexual da “pirâmide erótica” da antropóloga Gayle Rubin (2003), assumindo o lugar de trabalhadora sexual – e o seu *duplo* como pesquisadora em sexualidades. Essa dupla posicionalidade aliou-me ao que o filósofo Derrida chama de *indecidível*<sup>8</sup> operando como locus discursivo crítico às fronteiras analíticas que estruturaram a racionalidade ocidental. O gesto conceitual de lançar luz sobre uma “dupla posicionalidade do saber” implica a observação antropológica da posicionalidade porno-erótica do(a) pesquisador(a) e seus(as) interlocutores(as), bem como os desafios metodológicos de pesquisa provocados por ela. Como parte estruturante desse gesto, me utilizo do método etnográfico na sua intersecção com formas de relacionamento aparentemente *inabitáveis*: isto é, entre dinheiro, sexo e pesquisa. Aqui, situo o pagamento que fiz por algumas entrevistas semiestruturadas iniciais (tal como a remuneração via chats pagos)

---

7 Crédito é a nomenclatura do modelo de criptomoeda utilizada pelo site para armazenamento ou transferência de moeda corrente. Um crédito equivale a um real brasileiro. As criptomoedas são moedas digitais do tipo criptográfica, que utilizam da tecnologia de um sistema de registro de transações em rede de dados *peer-to-peer* (P2P), conhecida como *blockchain*, ou cadeia de blocos, para serem transferidas, compradas e vendidas, sem necessidade de autenticação e verificação de uma terceira parte.

8 “Elemento ambivalente sem natureza própria, que não se deixa compreender nas oposições clássicas binárias; elemento irreduzível a qualquer forma de operação lógica ou dialética” (Santiago, 2020. p. 70).

com interlocutoras-clientes enquanto um problema antropológico. Como resultado de minha própria pesquisa, elaboro uma crítica à separação entre mercado e conhecimento, que deseja elevar este último à sua forma mais *legítima*. Essa separação alimenta-se, no limite, de uma ideologia racionalista moderna que pretendeu separar o conhecimento do poder (Foucault, 2020). Alimenta-se também do investimento em uma economia moral em detrimento de uma economia de mercado – separadas pela suposta subjetividade das relações não mercadológicas diante da objetividade do dinheiro (Prasad, 1999; Zelizer, 1989). Aqui é importante lembrar os ensinamentos de Marcel Mauss (1974), segundo os quais reciprocidade e mercado não funcionam separadamente.

Investimentos financeiros no mercado porno-erótico digital conectam-se com a própria “subjetividade erótica” da pesquisadora. Enquanto Jones (2020) fechava as abas dos sites de *webcamming* quando ficava excitada e Diaz-Benitez (2009) temia que seus olhos alcançassem a presença masturbadora de seu interlocutor (ambas preocupadas com a ética em suas pesquisas), acionei meus atravessamentos porno-eróticos justamente para engajar-me epistemologicamente sob uma perspectiva parcial-comprometida, reconhecendo os meus aportes teóricos, meu gênero, minha raça e, por que não, minha sexualidade.

Mariana Rost (2016) nos lembra a importância da descrição desejosa de Malinowski (2012) na abertura de seus diários *secretos* para mobilizar os silenciamentos acerca da dimensão porno-erótica dos pesquisadores e interlocutores em campo. Os antropólogos Don Kulick e Margaret Willson, já em 1995, reuniram esforços para trazer a reflexividade antropológica sobre o tabu da sexualidade – ou do seu silenciamento – enquanto parte integrante das estratégias que sustentam as reivindicações antropológicas de autoridade.

A construção celibatária do antropólogo em campo alia-se a um senso de identidade marcada pela ideia possessiva de “eu” radicalmente apartada do “páthos”.<sup>9</sup> Esse senso de identidade carrega o silêncio da “subjetividade erótica” como um triunfo da racionalidade positivista ao mesmo tempo que salva-guarda um projeto de alteridade colonial e deixa incontestada uma das bases

---

9 Em suas obras, Aristóteles inscrevia o páthos como um instrumento persuasivo da retórica alcançado pelo aspecto emotivo do discurso. É a partir desse aspecto que mobilizo o termo no presente argumento. Ver Penna (2017).

epistemológicas do conhecimento antropológico, isto é, a subjetividade do “eu” pesquisador(a) (Kulick; Willson, 1995, p. 4).<sup>10</sup>

O antropólogo Moisés Lino e Silva (2014), em debate com as teorias contemporâneas da sexualidade, argumenta que estas últimas, ao apoiarem suas leituras acerca do prazer sexual nos dispositivos de saber-poder confessionais (Foucault, 2020), mobilizam a supervalorização antropológica – a partir de um gênero científico dessexualizado – na medida em que o pornográfico enquanto gênero discursivo é subvalorizado. Para Lino e Silva (2014, p. 16), o gênero “striptease etnográfico” constitui-se como suporte alternativo para narrativas etnográficas em que o prazer sexual não está de acordo com um paradigma do “esclarecimento” ou da “verdade” e, sobretudo, não se limita ao corpo do “Outro”, reconhecendo as “práticas sexuais estéticas” – que informam o sexo para além da concepção genital sob a forma de performances discursivas, e jocosas – em que os(as) antropólogos(as) (intencionalmente ou não) participam durante o trabalho de campo.

Aqui, a divisão entre reflexividades, que nomeio como “positivista” e “parcial”, inscreve as diferenças na construção de uma alteridade, respectivamente, autorizada a refletir o lugar do “Outro” na medida em que proclama o diálogo antropológico no apagamento narrativo do “eu” (Clifford, 2005) e na projeção desse “eu” como um combinatório que mantém em tensão as diferentes linhas subjetivas que (re)formam – e marcam – seus sentidos, limites e possibilidades.<sup>11</sup>

É a partir da reflexividade parcial que busquei criar uma alteridade em campo que reformulasse o meu “eu” no interior das experiências da antropóloga-*camgirl*,

---

10 A antropóloga palestina-americana Abu-Lughod defende uma escrita contracultural na possibilidade de acessar a intercambialidade/contestação de três princípios da escrita “da cultura”, são estes: posicionalidade, audiência, e o poder inerente às distinções entre eu e “Outro”. Para a autora, o estudo do “Outro” por antropólogos(as) é sempre um limite da formação do eu para o qual esse “eu”, informado por lugares incontestados, acabou por cair em uma referencialidade fixa, ou mesmo ficar irreferenciado. A literatura decolonial situa o desenvolvimento antropológico da crítica cultural no interior das aspirações coloniais que permitiram acessar o “Outro” a partir de um regime de inteligibilidade do “eu” ocidental (Asad *et al.*, 1973; Said, 2007).

11 James Clifford (2005) pensa a experiência do “scholar” estruturada no interior do sistema observação/participação malinowskiana como principal dispositivo para consolidação da autoridade etnográfica e da etnografia como ciência positiva. Segundo o autor, o paradigma malinowskiano operava no duplo recurso narrativo aos lugares da impessoalidade e da intersubjetividade acionados por declarações do gênero “eu estive lá”. O espírito malinowskiano trouxe a soma da atitude documentária, da experiência imediata e da interpretação teórica, unindo método à teoria, como a principal fonte para a condução de uma autoridade etnográfica que sustentasse o exercício antropológico na construção teórica de um fato *objetivamente adquirido*.

submetendo-me a uma autointoxicação e prótese pornotópica (Preciado, 2013). Meu sexo umedecia-se no óleo corporal cuidadosamente iluminado pelos leds registrados pela webcâmera, bem como o meu espaço de trabalho/dormitório e minha corporificação estética integrava-se a lingoeries, maquiagens, ornamentações e litros de água oxigenada. Minha atenção reprogramava-se às demandas algorítmicas das empresas-plataforma, das tecnologias de streaming, dos cabos de fibra ótica, da minha webcam Logitech c920 e dos meus antigos modelos de computador e celular da Samsung.

Segundo Beatriz Accioly Lins (2019) o aparelho celular foi o protagonista de sua tese, uma vez que se articulava para suas interlocutoras – e para ela – como uma *prótese* de seus corpos. O presente trabalho recupera à cena o protagonista etnográfico de Lins, reinserindo-o como instrumento metodológico, antropológico e sexual, isto é, como suporte privilegiado de socialização etnográfica, produção – e compartilhamento – de conteúdos porno-erótico digitais.

Grande parte das narrativas aqui encontradas articularam-se conjuntamente com as ferramentas de busca dos aplicativos WhatsApp e Telegram, na facilitação de palavras-chave que norteassem as minhas discussões. Sites de buscas promotores de uma “democratização científica” como o Library Genesis, o Sci Hub e Google Acadêmico forneceram-me apoio teórico e crítico. É aqui onde situo a etnografia digital enquanto mais um uso da ciência etnográfica (Hine, 2020) integrada aos nossos sistemas de conhecimento e relacionamento atuais que, como afirma Sarah Pink (2018, tradução minha), voltam-se para “um mundo essencialmente digital”.

A socióloga Cláudia Pereira Ferraz (2019) pensa a análise etnográfica em redes digitais como uma extensão do método etnográfico tradicional, ao reatualizar seus fundamentos na possibilidade de estabelecer a tradução dos algoritmos em dados político-culturais. Carolina Parreiras (2012, p. 205), ainda, “realiza a incursão empírica a partir de uma alternativa fornecida e facilitada pela internet: seguir fluxos (de dados, informações, pessoas, convenções)” na medida em que esses fluxos envolvem a ligação entre mercado erótico, consumo de pornografia e tecnologia expressadas em múltiplos lugares, relações e espaços que são constitutivos da hibridização entre os ambientes off e online.

A antropóloga Sarah Pink (2018) sustenta que a etnografia digital mantém a metodologia da antropologia tradicional a partir do movimento de estudar pessoas *dentro* do seu relacionamento com elas, estabelecendo contato com suas

rotinas e inserindo uma dinâmica de visualização ao que normalmente *não estaria disposto a ser visto*. Para Angela Jones (2020), a internet fornece novas condições de trabalho sexual, porque “nunca fecha”. Essa perspectiva indiscriminada de abertura do ambiente digital *conectado*, no entanto, trouxe desafios à criação metodológica deste trabalho. Seguir fluxos, participar/partilhar experiências e acessar lugares *não vistos* me exigiram justificativas epistemológicas e éticas ligadas às especificidades do digital.

Optei pela transmissão nos sites de *webcamming* erótico em horários noturnos pela expectativa de maior tráfego. No entanto, também loguei em horários matutinos e vespertinos na possibilidade de conectar-me a novos públicos. Segui esse plano entre os meses de agosto e início de novembro do ano de 2021 com intervalos de, no máximo, dois dias offline. Minha participação nos grupos estudados (majoritariamente nas aplicações do WhatsApp e Telegram) correspondia a horários indiscriminados e seguia o fluxo do tráfego de informações (Parreiras, 2012). Também realizava ensaios semanais, com fotos exclusivas diárias, para produzir meu perfil de modelo nas redes abertas, como Instagram e, em menor medida, Twitter e Reddit, além das redes privadas como OnlyFans e Câmera Privê. Angariei mais de 3000 seguidores no Instagram e quase 2500 nas plataformas de *webcamming* erótico. Arrecadei pouco mais de R\$ 3.000,00 no Câmera Privê, R\$ 100,00 no WebCamModels, e gastei R\$ 800,00 com entrevistas e a assinatura na Dirty Agência.<sup>12</sup>

Meu trânsito entre esses ambientes, embora marcadamente ligado a um interesse de pesquisa – não só nos espaços de interlocução com as modelos, mas em situações de maior intimidade com os interlocutores-clientes – misturava-se à minha experiência como *camgirl*, tornando a minha presença etnográfica um híbrido entre trabalhadora sexual e antropóloga. Essa marcação, no entanto, ganhava contornos diferenciados nos grupos aqui estudados.

---

12 A prática de realizar pagamentos para entrevistas não é incomum na antropologia. O antropólogo argentino Néstor Perlongher (1987, p. 26, tradução minha), acerca da sua inserção etnográfica no trabalho dos “michês” na capital paulistana, afirma: “Não há melhor maneira de estudar o *trottoir* do que fazendo *trottoir*.” A antropóloga Denise Martin (2003, p. 103), em sua pesquisa sobre prostitutas localizadas na cidade de Santos, em São Paulo, defende a remuneração de entrevistas – prática realizada por ela – como “um procedimento padrão quando se trata de pesquisas com populações marginalizadas”. A Dirty tratava-se de uma agência de modelos destinada para criadoras de conteúdo porno-erótico digital/online criada por Mel Suicide no início de 2021.

Enquanto no grupo do Bitches Get Rich (BGR) eu havia negociado a minha presença, no início de 2021, com a autorização das integrantes, no Gringos minha autorização foi intermediada apenas pela administradora Ágatha,<sup>13</sup> no mesmo ano. Já no Networking a autorização de minha presença tornava-se *inviabilizada* pela própria natureza comercialmente mediada do grupo, que era atravessado por um fluxo rotativo de membros.<sup>14</sup> Foi aqui que tornei necessário o anonimato de nomes, a troca de datas e algumas referências específicas, bem como apenas a descrição de publicações quando essas ofereciam a possibilidade de visualização temporária, como conteúdos de *stories*.

A necessidade de visualmente situar-me em campo – seja pela verificação da minha identidade como pesquisadora/collega de trabalho ou como modelo de webcam – exigiu-me a adoção de uma observação participante como metodologia privilegiada de trabalho.<sup>15</sup> Aqui, a exposição pública do “eu” num processo de presentificação (Oliveira, 2017), dado pela dinâmica *livestreaming* como condição de possibilidade da minha participação etnográfica, trazia novos desafios à minha experiência de trabalho pessoal anterior no *webcamming* erótico. Antes de “antropologizar-me” enquanto *camgirl*, eu fazia parte das mulheres decapitadas – modelos sem rosto descritas por Thany Sanches (2022).<sup>16</sup>

---

13 Uma modelo com experiência em muitos sites, com menos de 30 anos, parda, de cabelos escuros e longos.

14 Essa dinâmica rotativa se estendia, em menor medida, aos outros grupos, uma vez que o trabalho com *camming*/venda de conteúdo constituía-se como temporário para muitas modelos. Os grupos BGR e Gringos, inscritos na plataforma do WhatsApp, preservavam uma média de 40 participantes enquanto o Networking teve um salto de 100 a 140 participantes ao longo dessa pesquisa. Este último grupo era vinculado à Dirty Agência. Tomei conhecimento da agência ao acompanhar o perfil no Instagram de sua fundadora, constantemente citado entre as participantes do BGR.

15 Em outros momentos, no entanto, apenas observei alguns perfis e transmissões abertas de modelos ou conversas nos grupos aqui mencionados.

16 Sanches (2022, p. 38) descreve a decapitação digital das modelos como um dispositivo de anonimato no interior da “atopia sexual” e traduz o seu rompimento como uma “vitória do corpo político sobre o seu traidor”. Minhas experiências em campo, no entanto, mostram que a revelação do rosto figura-se como uma estratégia para angariar clientes na medida em que proporciona maior *autenticidade incorporada*. Mostrar o rosto também se ligava a questões geográficas apresentando-se como possibilidade para modelos que se restringiam ao trabalho em sites “gringos” com bloqueio aos usuários brasileiros. Modelos muito tatuadas, ainda, não consideravam seu anonimato garantido *apenas* na decapitação de suas imagens dada a estética personalizada de seus corpos.

Diaz-Benitez (2009) lembra que a definição de pornografia não se reduz a um significado intrínseco a um *produto*, mas ao contexto no qual é produzido. Para a autora, “retirar a imagem de um contexto estigmatizado e colocá-la em outro, valorizado ou legítimo, ou argumentar que uma imagem transcende o tipicamente sexual possuindo ‘algo a mais’ artístico ou culturalmente, são possibilidades para fugir da censura e evitar o rótulo de pornografia” (Diaz-Benitez, 2009, p. 20). É nesse “algo a mais” que me senti legitimada para compartilhar o meu rosto na medida em que o *webcamming* erótico/criação de conteúdo se figurava para mim como uma experiência científica e uma *ficção* encarnada da possibilidade de habitar, ao mesmo tempo, o corpo da trabalhadora sexual e da cientista.

O cientista social francês Didier Fassin (2014 *apud* McLean, 2017, p. 46) identifica semelhanças e diferenças entre a ficção literária e a etnografia. O antropólogo Stuart McLean (2017, p. 48, tradução minha), no entanto, nos pergunta: “Em que base essa distinção deve ser feita?” É possível que a antropologia operasse uma genealogia dos fatos colocando a própria realidade em questão? É aqui que a escrita mais autobiográfica presente em alguns momentos deste trabalho recriam a minha realidade histórica no interior de uma ficção reflexiva do “eu” multissituado e parcial (Haraway, 2009; Kulick; Willson, 1995), na medida em que “a especificidade de minha experiência – um ser humano particular que encontra outros particulares em um determinado momento histórico e tem interesses particulares nessa interação – não se opõe à teoria mas a encerra e encarna” (Kondo, 1990, p. 24 *apud* Kulick; Willson, 1995, p. 20, tradução minha).

No entanto, procurei não traduzir essa reflexividade do “eu” em um “banal egotism” (Probyn, 1993 *apud* Kulick; Willson, 1995, p. 72),<sup>17</sup> na medida em que propus um diálogo por *dentro* – autointoxicada e multissituada – do meu campo (Pink, 2018; Preciado, 2013), apostando em um relacionamento que pretendeu não se reduzir aos termos do debate entre proximidade ou distância do objeto estudado, ou uma autorreflexividade, como virtude pessoal, mas a uma técnica

---

17 Elspeth Probyn (1993 *apud* Kulick; Willson, 1995, p. 72, tradução minha) critica o modo em que o “self” tem sido discutido no interior da autorreflexividade antropológica como uma prática exclusivamente textual dedicada a elevar o “etnógrafo e seus sujeitos ao reino da pura discursividade”. É aqui que o “banal egoism” encerra os esforços de uma alteridade ensimesmada que constrói narrativamente o “Outro” sob as bases incontestadas de sua própria linguagem, ao mesmo tempo que mantém inobservada as afetações correlativas à sua experiência – corporal – em campo. Sobre as contribuições metodológicas e epistemológicas do exercício de “ser afetado” em campo como crítica às representações do “self” na antropologia anglo-saxã, ver Favret-Saada (2005).

social de produção etnográfica-antropológica submetida a uma “reflexividade sistêmica” (Gudeman; Penn, 1982 *apud* Strathern, 2014). É aqui que localizo, num gesto exaustivo, as falas das minhas interlocutoras juntamente ao contexto em que foram colocadas, não como mero recurso discursivo que *evidenciasse* a presença do debate, mas como um “Outrem” que se posiciona como ponto de intersecção entre o “eu” e o “Outro”, afastando-se de uma perspectiva assimétrica de poder cindida entre sujeito e objeto (Abu-Lughod, 2008).<sup>18</sup>

## Mobilidade etnográfica, gênero e a gestão de confiabilidade das empresas-plataforma

No dia 18 de janeiro de 2020 cheguei à capital baiana situando-me como nova mestranda pelo PPGA da UFBA. Duas semanas de aulas presenciais foi o prazo para que minha atividade recreativa pelo campus fosse restringida pela pandemia do coronavírus.<sup>19</sup> A volta à casa dos meus pais, no interior do Espírito Santo, constituiu-se como possibilidade diante do novo contexto de imprevisibilidade e confinamento. O ambiente familiar, no entanto, também me trazia restrições. A quase obrigatoriedade das portas abertas em minha casa, somada a ausência de gastos com uma moradia remota, fizeram-me abandonar a minha atividade como “webcam model” iniciada em 2018 e recém-reatada em minha chegada a Salvador. Esse abandono, ainda, acompanhou a minha exclusão das redes de sociabilidade com outras *camgirls*, inscritas em plataformas como WhatsApp e Instagram.<sup>20</sup>

No início de 2021, definido meu projeto de pesquisa e já retornada à capital baiana, passei a construir estratégias para a minha entrada no trabalho de

---

18 Segundo o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 142, grifo do autor): “Outrem não é uma *pessoa*, uma terceira pessoa diversa do eu e do tu, à espera de sua vez no diálogo, mas também não é uma *coisa*, um ‘isso’ de que se fala. Outrem seria mais bem a ‘quarta pessoa do singular’ situada, digamos assim, na terceira margem do rio, anterior ao jogo perspectivo dos pronomes pessoais.”

19 O coronavírus é um novo vírus que teve sua origem na cidade de Wuhan, na China. Começou a ter uma disseminação expressiva em dezembro de 2019 e em março de 2020 se tornou uma pandemia mundial.

20 A ação de “filtragem” nesses grupos era comum, uma vez que circulavam ali conteúdos sensíveis, como informações sobre a identidade das modelos (e clientes) e depoimentos pessoais, levando a exclusão de modelos que não atuavam mais na profissão.

campo etnográfico.<sup>21</sup> Decidi, então, iniciar um curso de *shibari* com Angel (fundadora do grupo BGR). Consegui seu novo número de WhatsApp pelo *direct* do seu perfil no Instagram e mandei uma mensagem. Após algumas dificuldades com a compra e a entrega da corda (principal instrumento de amarração), conseguimos marcar as aulas para o início de fevereiro de 2021. Na última aula, contei para Angel sobre a minha entrada na antropologia e o interesse em estudar *camgirls*, inicialmente, retornando ao grupo de WhatsApp do qual, anteriormente, participava como colega de trabalho. Ela respondeu que só aceitaria minha presença se pudesse ler mais sobre meu trabalho. Na mesma semana, enviei um texto de proposta de pesquisa para o grupo.

No dia 21 de fevereiro de 2021, entrei no grupo de WhatsApp, intitulado pela sigla BGR, e me deparei com uma descrição fixada referente a um documento no Google Docs, com textos informativos, seguido do alerta: “CUIDADO ao repassar o doc!” O documento iniciava com a sugestão do uso de tags para facilitação de acesso a um tópico específico. Desse modo, acessamos facilmente as sessões relacionadas às palavras-chave: “podolatria”, “*camming*”, “Instagram”, “packs”, “receber anonimamente”, “golpes PayPal”, “como configurar o PicPay.” No documento, produzido coletivamente, transitavam desde informações sobre como configurar contas em plataformas para recebimento ou conversão de dinheiro (com a vantagem de manter o anonimato), até a descrição de fetiches como “*cuckold*”, “*money slave*”, “*domme*” e como “monetizar uma live privada”, conseguir presentes, fugir de banimentos e alertar sobre usuários que praticam gravação de telas, expondo seus respectivos *nicknames* (apelidos). O documento começava com a palavra *camming*, definida pela seguinte descrição:

Um nicho muito famoso (principalmente na mídia) de trampo adulto. No *camming* você fica online ao vivo via vídeo em uma plataforma (como o câmera hot, câmera privê, cam4, webcammodels, chaturbate e afins). Cada plataforma tem sua forma de trabalho. Algumas o cliente precisa te chamar em chat pra que você possa começar seu show e não pode ter nudez em chat grátis, outras você fica online e os clientes vão te dando tokens pra que você faça coisa X ou Y. Existem plataformas brasileiras e gringas, pra receber em real ou dólar, e cada plataforma difere bastante entre si.

---

21 Em função do espaço previsto para essa publicação, as razões que motivaram o projeto de pesquisa que deu origem ao presente artigo não serão aqui discutidas.

Em fins do mês de agosto de 2021, realizei alguns contatos com modelos de *camming* fora das minhas redes de sociabilidade no WhatsApp e Telegram,<sup>22</sup> criei uma conta de usuário no Câmera Privê e a habilitei com 30 créditos (saldo mínimo de usuário). Entrei em algumas salas grátis, mas estabelecer conversa por ali não parecia uma boa ideia, aquele espaço correspondia a uma “prévia”, onde informações básicas eram trocadas e dados sobre cenários, vestuários e performances das modelos poderiam ser obtidos. Decidi ir por outro caminho e enviar mensagens privadas por uma ferramenta parecida com o *direct* do Instagram.<sup>23</sup> Lá eu abordava alguns perfis de *camgirls*, apresentava a minha pesquisa e fornecia mais informações sobre mim. Rapidamente, eu costumava sugerir um encontro via outra plataforma de videoconferência para realizar uma entrevista.

Obtive poucas respostas, entre elas: um casal lésbico, que usava a plataforma como meio de pagamento dos seus cursos de graduação em psicologia, respondeu-me com interesse, porém levantando objeções sobre as políticas de proibição do site quanto à divulgação de dados pessoais. Arrisquei e passei o meu telefone para elas. Também fiz o mesmo movimento no perfil de outras duas modelos e, em um terceiro, recebi como resposta: “Seria um prazer atendê-la no meu chat pago!” Depois de quase duas semanas, chegou uma mensagem no meu WhatsApp: “Boa noite, aqui é Vitória. Tinha esquecido de você, desculpe kkk!” Isso foi às 1h28 da manhã e eu estava online no CP e no WCM.<sup>24</sup> Retomei o contato no outro dia e expliquei sobre a minha pesquisa, ela propôs um encontro pelo Google Meet<sup>25</sup> e perguntou em quais horários eu ficava “on”.<sup>26</sup> Disse que de manhã até a noite, com alguns intervalos. Continuamos a conversa e Vitória me mostrou algumas avaliações negativas dos clientes da plataforma que geravam nela reações caracterizadas por ela própria como “belicosas”. Adicionou: “No Meet te conto minha evolução no *camming*.”

---

22 Inscritas nos grupos BGR, Networking e Gringos, nos quais ambientei parte do meu trabalho de campo.

23 *Direct* é uma modalidade de chat privado. No Câmera Privê, para cada mensagem eram cobrados 2,50 de créditos, no entanto, apenas os usuários cadastrados como clientes pagavam pelo envio de mensagens.

24 Abreviação de Câmera Privê e WebCamModels.

25 Serviço de comunicação por videochamada desenvolvido pela empresa Google.

26 Abreviação de “online” comumente utilizada por meus(minhas) interlocutores(as) de campo.

Minhas incursões nos chats privados das modelos do Câmera Privê, ainda, reverberaram em Ágatha,<sup>27</sup> uma modelo com experiência em muitos sites, com me-nos de 30 anos, parda, de cabelos escuros e longos. Na mesma semana que enviei as primeiras mensagens no site, recebi um *print* no meu chat privado do WhatsA-pp. Ágatha me encaminhou o texto que eu havia deixado no chat de uma modelo e perguntou: “Essa é você?” Após minha confirmação, ela explicou que havia sido alertada por alguém com quem ela compartilhava outro grupo de WhatsApp. A modelo que havia enviado o *print* sinalizava desconfiança sobre a minha propos-ta de fazer uma pesquisa. Ágatha, ainda, sugeriu: “Por mensagem é difícil alguém acreditar em você. Acho que elas só vão acreditar se você as convidar para o chat privado e abrir a sua câmera. Mostre que você é mulher realmente!”

Para Tom Slee (2019) as redes de confiabilidade, no interior de uma economia de compartilhamento,<sup>28</sup> são deslocadas dos aparatos de regulação institucional para ganhar significado nos sistemas de reputação. Esses últimos operam pela classificação algorítmica individual, como os mecanismos de avaliação dos sites representados por estrelas e comentários, atuando de forma descentralizada, in-formal e coletiva. Os sistemas de reputação, para Slee, ampliam as influências discriminatórias, dado o caráter subjetivista da avaliação – “ele consertou minha pia e chegou na hora, mas havia algo nele... Eu não gostei de tê-lo em minha casa” (Slee, 2019, p. 185) – ao *nublar* a qualidade da experiência laboral com as idiossin-crasias do contratante.

Nas plataformas de *webcamming* erótico, e venda de conteúdo, também é possível observar a operação desses sistemas de regulação. A menção de Vitória às respostas “belicosas”, como reação às más avaliações dos clientes, ilustra a

---

27 Mantive contato com Ágatha desde a minha entrada no grupo BGR, no início de 2021.

28 A economia de compartilhamento define-se como um sistema econômico no qual bens ou ser-viços são divididos. Esses bens podem ser partilhados entre pessoas ou entre empresas e serem utilizados de forma gratuita ou sob o pagamento de uma taxa. Esse modelo de negócios, segundo Slee, funciona como paradigma produtivo das empresas-plataforma na medida em que essas ope-ram quase que exclusivamente oferecendo espaços/estruturas de compartilhamento – e produ-ção – de serviços. A Uber, por exemplo, participa dessa economia na medida em que intermedia o compartilhamento – pago – de “caronas”. Já os sites de *webcamming* erótico e venda/criação de conteúdo intermediam o compartilhamento de conteúdo e de videochamadas prestando serviços de alugueis de “salas” ou de “perfis” dentro das plataformas. A taxa desse aluguel varia entre as plataformas, representando 70% (Streamate, LiveJasmin), 65% (ImLive), 50 % (CâmeraPrivê, Cha-turbate, Cambox, StripChat), 45% (Xmodels, SigameLive), 40%(BongaCams) e 30% (WebCamMo-dels) descontado do valor de cada minuto transmitido – ou venda realizada – pelos(as) modelos.

arbitrariedade em que os sistemas de avaliação são inscritos. Não raro encontrei queixas das modelos sobre avaliações “injustas” de clientes acusando-as de serem mal-educadas ou não prestarem o serviço combinado. A posição comum entre as mesmas era de que os clientes não liam as informações nos perfis delas, desconheciam as práticas que elas se recusavam a fazer e/ou insistiam para que as fizessem, além de exigirem a exposição sexual explícita em um curto período de tempo. Como no “desabafo” de uma modelo ao grupo Networking:

Luiza: Bom dia gente! Um desabafo, ontem fui dormir puta porque um cara no CP me deu avaliação ruim porque não quis fazer o que ele queria, ódio de macho frustrado.

Lúcia: Comenta na avaliação dele o motivo. Que daí quem for ler vai ver que ele foi cuzão. Teve uma vez que o cara começou a perguntar se eu tinha desodorante p enfiar na piquita. Eu falei que tinha óbvio né, quem não tem? Mas falei que não colocava essas coisas que já tinha o consolo pra isso. Aí ele perguntava se tinha pepino, cenoura, essas paradas... Eu falando que não colocava e ele insistindo toda hora, falando p colocar o braço dentro. Aí eu fiquei quieta só esperando ele desligar... kkkkk! Porque não ia fazer nada disso... kkkk! Aí ele disse que eu não fazia nada do que ele queira e que ia me avaliar mal, eu só estava esperando a avaliação dele pra falar um monte kkkk!

Luiza: Esse eu tava no privado, aí ele ficava o tempo todo tira tudo, fica peladinha, querendo tudo na hora dele. Aí falou q ia me dar um presente de 10 (10!!!!!!!) pra eu ficar peladinha “logo”. Daí eu disse ou que a gente ia pro exclusivo ou ele me dava um presente melhor. Aí eu ficava! Ele desligou na minha cara. Tava super desconfortável com o papo dele.

Aqui, nota-se que os sistemas de avaliação das plataformas de *webcamming* erótico seguem as mesmas arbitrariedades ligadas às idiosincrasias sociais discutidas por Slee (2019). Ainda é possível observar a gestão da confiabilidade no interior das empresas-plataforma, por via dos sistemas de reputação, quando pensamos as avaliações realizadas entre clientes, no site do Câmera Privê, a fim de cumprir *exclusivamente* as demandas do público consumidor.<sup>29</sup> Essas

---

29 No site do Câmera Privê, por exemplo, não existe o recurso de avaliação dos clientes, como nos perfis das modelos demonstrados acima.

redes de confiabilidade estendiam-se para a verificação dos perfis das modelos vinculadas às plataformas a partir da exigência do compartilhamento de informações e documentações pessoais delas. Abaixo, apresento alguns dos passos necessários para a realização da conta de modelo no site do WebCamModels:

Senha:

Confirme sua senha:   
Deve ter pelo menos 1 letra maiúscula e 1 minúscula e pelo menos 1 número.

Data de nascimento: 01 v janeiro v 2005 v

Gênero/Tipo: Feminino (solo) v

Etnia: Branco v

Sexualidade: Hetero v

Tipo de corpo: Pequeno v

Idioma falado: Inglês (listar tudo)

Informe-nos como você gostaria de receber o pagamento selecionando o método de pagamento de sua preferência abaixo. As opções de depósito direto e cheque estão disponíveis apenas para residentes nos EUA no momento. Os pagamentos às modelos são enviados semanalmente pela semana anterior trabalhada e devem ser pagos diretamente à modelo, em nome da modelo, conforme identificado no documento de identidade válido com foto emitido pelo governo fornecido nesta solicitação

Método de pagamento:  Paxum  Cheque (somente nos EUA)  Depósito direto (somente nos EUA)  Skril

Quantos modelos aparecerão com você?

Você está interessado em fazer vídeos?

Você já fez modelagem na Internet antes?  Sim  Não

Figura 1. Webcam Model Application (ficha de inscrição para se tornar modelo).<sup>30</sup>

30 As imagens apresentadas são representações gráficas reconstruídas a partir dos modelos dos sites citados, projetadas pelo designer Fabrício Marinho. A reconstrução das imagens buscou respeitar as políticas de propriedade intelectual definidas em ambas as plataformas, descaracterizando os principais elementos de suas identidades visuais sem perder, para o(a) leitor(a), a experiência interface-usuário inscrita nelas. É pertinente, ainda, marcar que essas políticas de veemente proibição aos(as) usuários(as) da reprodução do conteúdo dos sites são combinadas com uma licença transferível às plataformas do conteúdo gerado pelos(as) mesmos(as) usuários(as). As primeiras se beneficiam da “exibição publicamente das contribuições dos usuários relativos ao site [...] promoção e redistribuição, em parte ou no todo em quaisquer formatos de mídia e por meio de quaisquer canais de mídia [...] uso livre e ainda exploração das contribuições do usuário para qualquer finalidade, sem qualquer obrigação de pagamento”. Acrescenta-se, ainda, a renúncia desses sites em responsabilizar-se pela “segurança ou direitos de propriedade intelectual relacionados à tais conteúdos” sem que isso as cause “quaisquer direitos ou recursos legais”. Essas políticas, no limite, asseguram proteção jurídica aos conteúdos produzidos pelas empresas ao mesmo tempo que os desprotegem quando produzidos pelos(as) usuários(as).

**REGISTROS MANTENDO FORMULÁRIO DE CONFORMIDADE DE ACORDO COM 18 U.S.C. 2257**

INFORMAÇÕES DE IDENTIFICAÇÃO DO EXECUTOR E DECLARAÇÃO: Caroline coutinho dalro entendo que todas as informações fornecidas nesta Contrato estão sendo fornecidas para cumprir a lei federal e qualquer declaração feita aqui será Caroline coutinho dalro a uma ação civil pela Produtora, bem como a processo criminal sob âmbito federal e Lei Estadual.

**A. Razão Social:** Caroline Coutinho Dalro **B. Data de nascimento:** 01/01/1994 **Idade:** 28

**C. A identificação primária deve ser passaporte emitido pelo governo, carteira de motorista, identificação do departamento de veículos motorizados ou identificação militar.**

**D. Todos os outros nomes usados anteriormente (incluem nomes legais anteriores, nomes artísticos, identificadores da web, nomes de solteira ou de casado, pseudônimos, nomes profissionais e apelidos).**

**F. Telefone:** 27999386008 **E-mail:** caroline.cdalro@hotmail.com

**DECLARAÇÃO JURADA: "SOB 28 U.S.C. 1746 E AS PENALIDADES DE PERJÚRIO SOB AS LEIS DOS ESTADOS UNIDOS, JURO QUE O ACIMA É VERDADEIRO E CORRETO E QUE CADA UM DOS DOCUMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO QUE FORNICEI DOS QUAS ASSINEI A CÓPIA ANEXA FOI LEGALMENTE OBTIDO POR MIM E NÃO FOI FORJADO OU ALTERADO."**

Sua assinatura: \_\_\_\_\_ Enviar Data de assinatura do documento: 01/07/2022

Figura 2a. Webcam Model Application (termo de compromisso para prestação de serviços na plataforma).

**Formulário VV-9**  
(Rev. janeiro de 2011)  
Departamento da Receita Federal da Receita

**Solicitação de número de identificação do contribuinte e certificação**

Entregue o formulário ao solicitante. Não envie para o IRS.

**Nome / razão social (conforme mostrado na sua declaração de imposto de renda)**  
Caroline Coutinho Dalro (NOTA: deve corresponder ao NIF abaixo)

Marque a caixa apropriada:  
 Pessoa física/único proprietário  Corporação C  Corporação OS  Parceria  Confiança/propriedade  
 Sociedade de responsabilidade limitada. Insira a classificação fiscal: **DD desconsiderado**  Isento de pagamento

**Endereço (número, rua e nº do apartamento ou suite)**  
\_\_\_\_\_  
**Cidade, estado e CEP**  
 Salvador Bahia 41100-000

**Parte I | Número de Identificação Fiscal (NIF)**  
 Insira seu NIF na caixa apropriada. O NIF fornecido deve corresponder ao nome fornecido na Linha 1 para evitar retenção na fonte. Para indivíduos, este é o seu número de segurança social (ENS). No entanto, para um residente estrangeiro, empresário individual ou entidade desconsiderada, consulte as instruções da Parte I na página 3. Para outras entidades, e o seu número de identificação do empregador (EIN). Se não tiver um número, consulte Como obter um NIF na página.  
 Nota: Se a conta tiver mais de um nome, consulte a tabela na página 4 para obter orientações sobre cujo número deve ser

**Parte II | Certificação**  
 Sob pena de perjúrio, certifico que:  
 1. O número mostrado neste formulário é o meu número de identificação de contribuinte correto (ou estou aguardando que um número seja emitido para mim), e  
 2. Não estou sujeito à retenção de segurança porque: (a) estou isento de retenção de segurança, ou (b) não fui notificado pelo Internal Revenue Service (IRS) de que estou sujeito à retenção de segurança como resultado de um falha em reter todos os juros ou dividendos, ou (c) o IRS me notificou que eu não estou mais sujeito a retenção na fonte e 3. Sou cidadão dos EUA ou de outro país dos EUA, pessoa (definida abaixo).  
 Instruções de certificação. Você deve riscar o item 2 acima se tiver sido notificado pelo IRS de que está atualmente sujeito a retenção na fonte porque não reteu todos os juros e dividendos em sua declaração de imposto de renda. Para transações imobiliárias, o item 2 não se aplica. Para juros hipotecários pago, aquisição ou abandono de propriedade garantida, cancelamento de dívidas, contribuições para um acordo de aposentadoria individual (IRA) e, geralmente,

Figura 2b. Webcam Model Application (termo de compromisso para prestação de serviços na plataforma).

The image shows a web browser window with the URL 'WellCam Stars'. The page title is 'Pagamento seguro' (Secure Payment). The user's name is 'JorgeG'. The form fields are as follows:

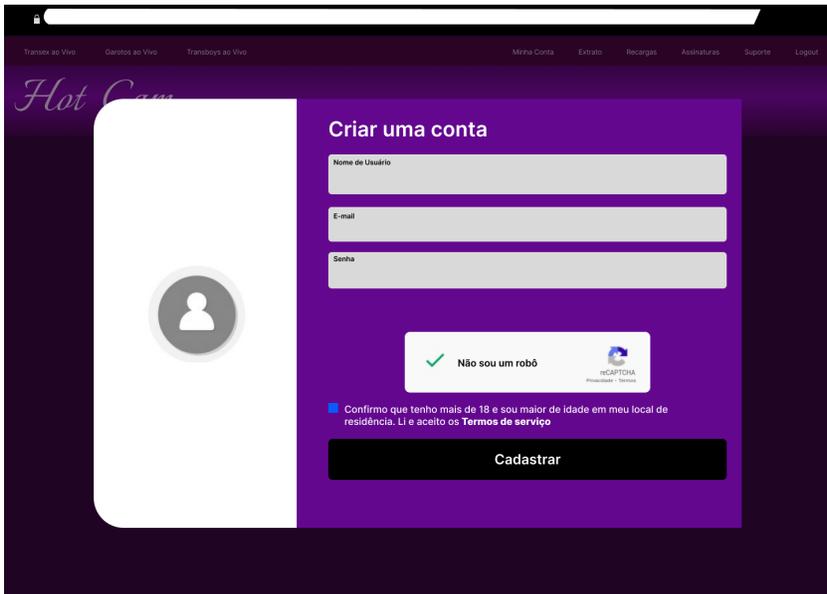
- Apelido: JorgeG
- Nome do Titular: [Redacted]
- Endereço de Cobrança: [Redacted]
- Cidade: [Redacted]
- Estado: [Redacted]
- Código postal: [Redacted]
- País: [Redacted]
- Número de telefone: [Redacted]
- Seleção de método de pagamento:
  - MasterCard
  - VISA
  - Bitcoin
- Número do cartão: [Redacted]

Additional information: \$ 27.00, Assinatura VIP / 300 tokens.

Figura 3. Formulário de inscrição de usuário no Webcam Model.

Em relação aos usuários pagantes, o requerimento de informações reservava-se aos dados de pagamento e a uma conta de e-mail válida. Como nos exemplos abaixo relacionados, respectivamente, ao site do WebCamModels e Câmera Privê.<sup>31</sup>

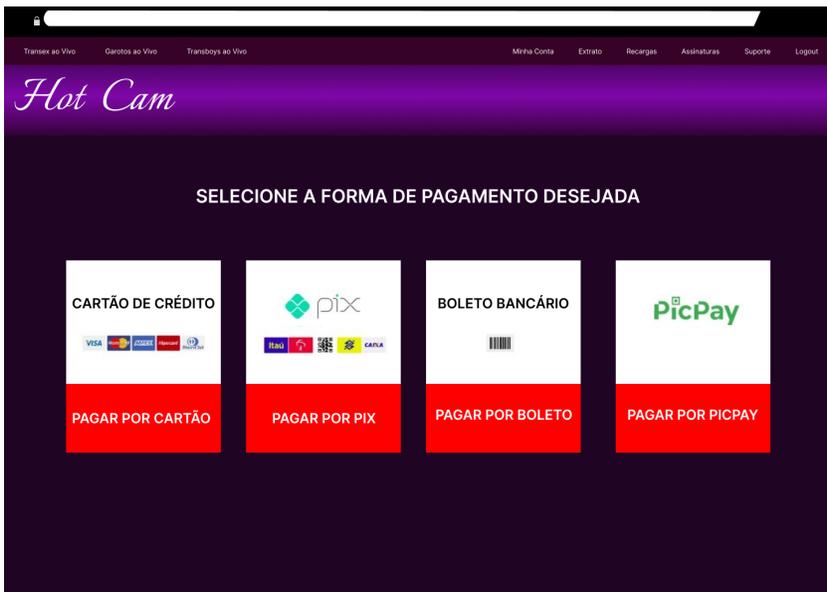
31 Ao optar pelo cadastro em uma conta de usuário comum no site do WebCamModels observa-se que a ferramenta de identificação do gênero encontra-se já marcada no sexo masculino, o que evidencia, segundo Rost (2016, p. 135), que na indústria do *webcamming* erótico “mulheres são bem-vindas, desde que sejam *camgirls*”.



The image shows a registration form on the 'Hot Cam' website. The page has a dark purple header with navigation links: 'Transes ao Vivo', 'Garotos ao Vivo', 'Transboys ao Vivo', 'Minha Conta', 'Extrato', 'Recargas', 'Assinaturas', 'Suporte', and 'Logout'. The main content area is white with a purple background. On the left, there is a placeholder for a profile picture. The right side contains the registration form with the following elements:

- Criar uma conta** (Create an account)
- Input field for **Nome de Usuário** (Username)
- Input field for **E-mail**
- Input field for **Senha** (Password)
- A green checkmark icon and the text **Não sou um robô** (I am not a robot) next to a reCAPTCHA logo.
- A checkbox with the text: **Confirmo que tenho mais de 18 e sou maior de idade em meu local de residência. Li e aceito os Termos de serviço** (I confirm that I am over 18 and of legal age in my place of residence. I have read and accept the Terms of service).
- A black button labeled **Cadastrar** (Register).

**Figura 4.** Formulário de inscrição de usuário no Câmera Privê.



The image shows a payment selection screen on the 'Hot Cam' website. The page has a dark purple header with navigation links: 'Transes ao Vivo', 'Garotos ao Vivo', 'Transboys ao Vivo', 'Minha Conta', 'Extrato', 'Recargas', 'Assinaturas', 'Suporte', and 'Logout'. The main content area is white with a purple background. The title is **SELECIONE A FORMA DE PAGAMENTO DESEJADA** (SELECT THE DESIRED PAYMENT METHOD). Below the title, there are four payment options, each in a white box with a red button at the bottom:

- CARTÃO DE CRÉDITO** (CREDIT CARD): Includes logos for VISA, Mastercard, AMEX, and NUBANK. Button: **PAGAR POR CARTÃO** (PAY BY CARD).
- pix**: Includes logos for ITAU, NUBANK, BRB, and CANTAL. Button: **PAGAR POR PIX** (PAY BY PIX).
- BOLETO BANCÁRIO** (BANK SLIP): Includes a barcode icon. Button: **PAGAR POR BOLETO** (PAY BY SLIP).
- PicPay**: Includes the PicPay logo. Button: **PAGAR POR PICPAY** (PAY BY PICPAY).

**Figura 5.** Formas de pagamento no Câmera Privê.

A facilitação de acesso concedida aos usuários-clientes das plataformas – em relação aos das modelos – e os sistemas de avaliações exclusivamente aplicados aos perfis delas evidenciam que a desregulação das empresas-plataforma opera para precarizar os trabalhadores plataformizados em relação à confiabilidade, segurança e acesso à informação, assimetricamente fornecidas pelos seus clientes.<sup>32</sup> Essa precarização, no entanto, é *contornada* a partir de estratégias mobilizadas pela criação de sociabilidades microcoletivas<sup>33</sup> em grupos situados nas plataformas digitais, como os aqui estudados.

Angela Jones (2020) defende que os fóruns online são o principal mecanismo para o desenvolvimento de capital social entre as *camgirls*. Bárbara Batista Machado (2021) ainda se refere às “comunidades online”, em que suas interlocutoras ajudavam umas às outras na troca de informações acerca dos fotógrafos com quem já haviam trabalhado e com os quais tiveram experiências negativas, como problemas de conduta e assédio.

Discussões sobre confiança atravessaram todo meu percurso etnográfico, inclusive, sustentando uma das utilidades dos grupos do WhatsApp e Telegram formados entre minhas interlocutoras. Aqui, a troca de informações sobre profissionais (fotógrafos, outras modelos, administradores de páginas, editores de conteúdo) e, sobretudo, de clientes, funcionava como mecanismo de regulação e segurança das trocas comerciais – na identificação de golpes financeiros, na proteção contra vazamentos e verificação de perfis profissionais. Essas trocas de informações, no entanto, também se estendiam a outras modelos, como registrado no *print* de Ágatha enviado para mim.

---

32 A desigualdade em relação à verificação dos perfis dos clientes e modelos do site se estendia às plataformas de relacionamento “sugar”, como a Meu Patrocínio. Esse tipo de relacionamento ao, comumente, demandar encontros presenciais, não raro traduzia-se entre as modelos ligadas ao trabalho no ambiente digital em receio e suspeição. O site Meu Patrocínio ainda incluía a análise da ficha criminal aos usuários-clientes como um serviço “VIP”, exclusivo para aqueles que pagavam uma mensalidade de R\$ 1.000,00.

33 Utilizo o termo para me referir aos usos das redes digitais, como nos grupos aqui estudados, na inscrição de sociabilidades coletivas, sem restrição geográfica (Mocellim, 2009), elaboradas no interior de comunidades de interação específicas. O termo, ainda, serve de argumento crítico ao entendimento da internet como espaço de trocas universais e indiscriminadas (Hine, 2020; Parreiras, 2012).

Lorena Caminhas (2021) e Bárbara Baptista Machado (2021) descrevem a dificuldade no alcance das interlocutoras delas a partir da aproximação via plataformas sociais abertas, como Twitter e Instagram. Ambas as autoras sustentam que a alteração desse quadro de desconfiança se deu a partir de uma rede de compartilhamento gerada pelas interlocutoras iniciais, transferindo às pesquisadoras o status de “verificação profissional”. Sobre a sua primeira interlocutora, afirma Caminhas (2021, p. 5): “Anelise compartilhou em seu Twitter sua experiência na entrevista, afirmando que ela ajudaria a ‘esclarecer e divulgar o que são as *camgirls*.’” Silva (2014) relata que o envio do link de seu currículo Lattes decorreu da desconfiança dos primeiros contatos que empreendera com suas interlocutoras, uma delas questionou o fato do MSN dele não ter uma foto, buscando assegurar-se de que não se tratava de um “fake”, que se fazia passar por pesquisador. Sobre esse último relato, retomo a necessidade apontada por Ágatha de que eu abrisse a minha câmera para mostrar que “era mulher”. Essa necessidade reverberava uma política de gênero e sexualidade defendida entre minhas interlocutoras, a qual sustentava uma *segregação* entre homens e mulheres, mantidos, respectivamente, nos lugares de clientes e trabalhadoras sexuais.

A manutenção do lugar masculino sob a insígnia da suspeita e rejeição, incorporada ao status de cliente, sustentava-se ainda no afastamento de uma atração pessoal do desempenho profissional, como percebe-se em uma afirmação de uma de minhas interlocutoras, Scorpion:<sup>34</sup> “Eu sou lésbica, odeio homem. Entro total em um personagem!” Ao que outra interlocutora, Lary,<sup>35</sup> continua: “Entro no automático, finjo um superinteresse. Só aceito quando tô em chat e tal...” E NicelyBad<sup>36</sup> desabafa: “NÃO SIRVO PRA LIDAR COM HOMEM. Eu sou traumatizada MESMO REAL, não gosto. E isso me leva a questionar se eu sirvo pra esse trampo ou se eu só me iludo mesmo.” Outra interlocutora chegou a atribuir uma natureza opressora masculina baseada em um *defeito de DNA*.

---

34 Jovem, parda e “acima do peso” (heteroidentificação da pesquisadora) afastada da família em razão de violência homofóbica.

35 Uma modelo branca, jovem e magra.

36 Modelo próxima dos 30, mãe de duas meninas, branca, magra, de classe média e afastada completamente da família, pela negligência e os abusos cometidos pelo seu pai.

Em minhas horas passadas em transmissões online como *camgirl*, eu testemunhava essa duplicidade: mulher/trabalhadora sexual e homem/cliente. Certa vez, nas minhas primeiras transmissões no site do WebCamModels, fui abordada por Clarisse, uma modelo do site que me enviou a seguinte mensagem: “Você é linda, configura seu perfil pra ganhar no privado.” Ela me passou o número de sua agente do site e explicou a abordagem dela: “Eu tenho um grupo no Telegram e tá difícil conseguir assinatura e quando eu vejo uma menina assim perdida eu fico puta, quero ajudar.” Aqui, a incompreensão de Clarisse sobre a transmissão de uma imagem ligada a uma feminilidade desejável (Silva; Jayme, 2015), marcada por um perfil não apto para receber pagamentos, cristaliza a sexualidade feminina na equação sexo/dinheiro (Silva; Blanchette, 2017) ou, mesmo, no uso da pornografia como palco da expressão privilegiada do *desejo (hétero) sexual masculino* (Dworkin, 1981).

As teóricas estadunidenses Adrienne Evans e Sarah Riley defendem que o surgimento do *webcamming* erótico no interior de uma cultura de “culto à celebridade” (Senft, 2008), engajada no desempenho de uma performance hiperfeminina (Drenten; Gurrieri; Tyler, 2020), reinscreve o desafio crítico feminista – do combate às feminilidades hegemônicas – em um regime “pós-feminista” que *solapa* o discurso à objetificação feminina na construção de uma subjetividade sexual orientada para o mercado heterossexual masculino.

No entanto, ao contrário de um pós-feminismo, tendo a compreender que as falas de minhas interlocutoras/colegas de trabalho habitam mais uma política de gênero que, no limite, alia-se às ambições críticas do feminismo antissexo na adoção de uma *metafísica da diferença sexual*, apoiada na defesa de uma sexualidade masculina essencialmente opressora e na disposição para construir espaços exclusivamente femininos enquanto sinônimo de segurança e agenciamento.<sup>37</sup>

---

37 Em todos os grupos estudados era comum presenciar uma gramática feminista inscrita em termos como “machismo”, “relacionamento abusivo”, “objetificação sexual”, “empoderamento”. Ainda, no interior do BGR, não raro observei modelos se identificarem como feministas.

## **Webcamming é trabalho sexual?**

Faltavam apenas 15 dias para eu dar como encerrado o meu campo etnográfico e passo a angustiar-me nas madrugadas que não tenho atendimento no Câmera Privê. Decido ocupar esses momentos de ócio acompanhando os perfis de outras modelos do site. Acesso o perfil de Your Angel. Ela reproduz o que eu chamaria de uma garota de ensino médio safada, porém inexperiente. Em suas fotos, vejo-a de roupão, sentada na cama reproduzindo um pós-banho despretenso que, de um momento para o outro, pode transformar-se num cenário em que ela promete “se divertir juntos”, onde se exibirá usando “meus brinquedos pra você”. Para isso, ela adverte: “Seja gentil, eu não sou uma máquina. Tudo será muito melhor se nós dois gozarmos, não?”

Surpreendo-me com a regularidade com que as modelos se referem a uma experiência “robotizada” para definir o que *não* esperam encontrar no site. Essa experiência se regula pela duração esperada para um chat *autêntico*. LizFrança<sup>38</sup> contrapõe conceitualmente “show” e “chat” a partir das ideias de interação e autenticidade e se refere a esse último como a sua modalidade de atendimento.

Eu NÃO faço show. Primeiro que não sei cantar... rs! Segundo, que show é uma coisa que tem roteiro, mecanizada... Eu faço CHAT! Aqui não é site pornô que você escolhe a categoria que quer e aperta o play. Meu chat é real, seja sozinha ou de sexo. Então, vamos caprichar na interação para vocês terem o melhor chat que puderem ter aqui nesse site!

A descrição de LizFrança me transporta para a experiência de um chat que realizei em um desses dias de ócio provocados pelo baixo tráfego do site. Luis me cumprimenta no chat gratuito do CP. No seu *nickname* está a bandeira de outro país. Ele me explica que mora na Áustria há dois anos por ter “enjoado” do Brasil. Ele tem menos de 30 anos e se vê como “privilegiado”. Luis me envia um convite para o chat privado. Ele interage pouco e me exige esforço para conduzir o chat. Pergunto se visitou outras salas antes da chegar na minha e ele confirma, acrescentando: “Mas tem muitas mulheres que parecem robôs, aí não tem

---

38 Uma mulher de 27 anos, magra, bronzada e tatuada.

papo.” Luis me conta que há cinco anos encontrou o Câmera Privê no Google ao pesquisar pelo termo “pornô online”. Ele revela que após o seu uso do site “quase não assiste mais pornô” e que “é melhor ver pessoas de verdade”. Pergunto sobre seu casamento e ele afirma não ver o site como traição, concluindo: “Pra mim é um pornô com interação.”

O mês de outubro avançava e com ele o encerramento para o prazo das minhas transmissões. Era um sábado à noite e fui abordada por Fred, no chat grátis do CP. Ele contou que era a sua primeira vez no site e que se atraiu pelo meu sorriso e pelos bicos dos meus seios. Digo que o conduzirei ao bom uso da plataforma, referindo-me à necessidade de receber o convite para continuarmos nossa conversa no chat pago. Ele envia e eu aceito. Pergunto a sua motivação para entrar no site, ao que retruca: “Estou com mais de 100 abas do pornô abertas e não sinto nada.” Ele se define como “socialmente imbecil”, tem 34 anos, um emprego não muito bom e mora com a mãe. Insisto na sua motivação para usar o site e ele continua: “Como todo homem sou atraído por pornografia, mas masturbação em vídeo de atrizes não é estimulante. Eu gosto de conversa. Se puder vir com nudez, melhor ainda.” Amanhecemos o dia juntos, minha câmera tornava-se prótese biônica para os olhos de Fred que pousavam sobre o meu corpo totalmente nu. Ao mesmo tempo, o sinalizador de créditos do site apontava para o acréscimo de 300 créditos em minha conta.

Fred retornou à minha sala, diariamente, até o encerramento do meu campo. Nossos encontros costumavam reverter, para mim, em um misto de encabulamento, diversão e 300 créditos diários em minha conta. E, próximo ao encerramento do campo, como previsto em minha pesquisa, sentia uma angústia sobre a natureza *indiferenciada* entre o pessoal e o profissional. Tento encontrar o intermédio entre a antropóloga e a *camgirl*, a fronteira entre a ética, dinheiro e a pesquisa. No limite, tento segurá-lo no site sem “iludi-lo”.

Perguntei nos grupos BGR e Networking sobre experiências com clientes “apaixonados”. As repostas resumiram-se na máxima: “Se você tiver paciência, é uma fonte de dinheiro!” Perguntei sobre os limites éticos desse tipo de relacionamento e recebi como resposta: “Se não fosse você, ele procuraria outra.” Pink-Cutie<sup>39</sup> interpelou Gabii: “Eu tenho o pacote ‘webnamoradinha’, começou com

---

39 Jovem, paulista, gorda (autoidentificação) e tatuada.

esse papo, eu logo ofereço.” Gabriela<sup>40</sup> sugere: “Eu posso estar errada, mas eu vejo os caras como carentes, sabe? Eu vou crescer nisso neles, pô!” Outras modelos sustentam a estratégia de investir na marca (Jones, 2020) de “*gamer nerd*”.<sup>41</sup>

Silva (2014, p. 277) defende que uma das maiores competências para a conquista de maior lucro na indústria do *webcamming* erótico consiste em “projetar estereótipos e representações sobre [um certo] feminino [...] que é constantemente reinventado no aprimoramento de si enquanto mercadoria ou no investimento das personagens que incorpora em seu cotidiano”. Redfetishist<sup>42</sup> reforçou isso: “Tem muito cara que curte falar sobre games, animes nos sites de *camming*. Desde que comecei a falar mais sobre games nas lives tenho atraído um público que dá pra trabalhar além da putaria no *camming*.” Angel conclui: “Usar camiseta de anime pra transmitir é estratégia de marketing.” Redfetishist confirmou: “Cria conexão com o cliente. Porque putaria por putaria tem um monte, o que faz o cara voltar é se conectar com você de alguma forma.” Angel acrescentou: “Camiseta de banda também! Eles adoram conversar, são carentes de atenção mesmo.”

Aqui a *autenticidade incorporada* (Jones, 2020) evidencia-se como principal produto a ser comercializado nas interações online – em tempo real – personalizadas para as quais “o cliente está adquirindo uma experiência única com um indivíduo(s) com quem pode não ser capaz de interagir intimamente e sexualmente em sua vida cotidiana”. Na medida em que os clientes estão “comprando experiências autênticas com pessoas ‘reais’” (Jones, 2020, p. 156, tradução minha) – como “pagar pela atenção” – acrescenta-se às demandas de gozo pessoal desses últimos a experiência de prazer da própria modelo. Não raro, os meus shows acabavam com a solicitação – e engajamento – dos meus clientes para que eu gozasse, como ilustrado a seguir:<sup>43</sup>

---

40 Jovem do interior de São Paulo, de corpo voluptuoso, branca, de cabelos longos lisos e escuros.

41 Para Maurizio Lazzarato e Antonio Negri (2022), com a emergência da “pós-indústria” a extração da mais-valia se desloca das relações produtivas materiais para atingir a subjetividade do(a) trabalhador(a). É sob esse olhar que situo a construção das próprias modelos como produtos a serem comercializados ao se disporem a construir, em torno de si, uma “marca comercial”.

42 Jovem e mãe, casada, gaúcha, branca de olhos claros e cabelos coloridos.

43 Um de meus interlocutores-clientes chegou a afirmar que “o gozo solo é vazio e incompleto”. Dada a ausência de ejaculação vaginal, não raro, a solicitação de que eu ligasse meu áudio articulava-se como recurso suplementar. Aqui, a sonoridade operava semioticamente como instrumento porno-erótico – e cenográfico – de verificação do gozo feminino (Diaz-Benitez, 2009).

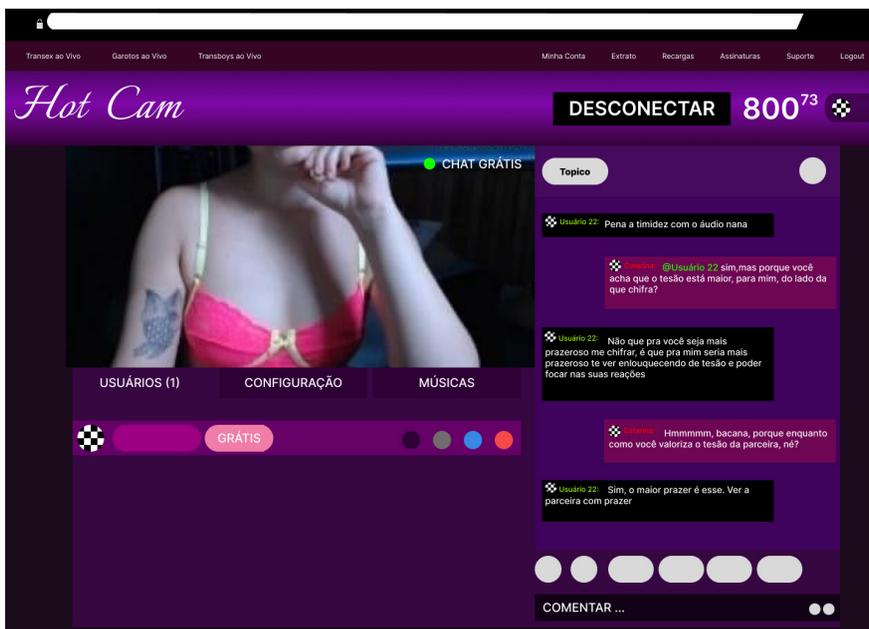


Figura 6. Conta pessoal de modelo no Câmera Privê.

Outros clientes-interlocutores, como NegroSamurai justificam a busca do *webcamming* erótico na sua recusa a uma experiência porno-erótica “premeditada”, na medida em que mobiliza um consumo diretamente ligado à compra de minha “atenção”. Já Carlos me vê como alguém que o ouve e merece a minha atenção, ao mesmo tempo que incorporo o desejo dele de levar alguém para jantar, sem que isso abale o seu “casamento feliz”. André, ainda, afirma encontrar no *webcamming* uma sensibilidade que *não tem* fisicamente. É a partir dessas expectativas de consumo suscitadas entre experiências de trabalho como modelo de webcam, compartilhadas entre mim e minhas interlocutoras, que atribuo ao *webcamming* erótico comercial uma natureza *diferenciada* de outras modalidades de trabalho sexual.

Para uma interlocutora, Monique, o *webcamming* erótico se define na distinção de outras modalidades do trabalho sexual, nas quais se referiu ao “grupo explorado”, constituído por “atrizes pornôns, mulheres que estão na prostituição por falta de escolha e mulheres transexuais que são obrigadas, porque não tem outras coisas”. Já para Angel: “O *camming* tem limites mais seguros pela

natureza da coisa, né? A proporção de riscos é óbvia. Porque na prostituição presencial o bagulho é louco!” Em Caminhas (2018, p. 170), uma das consequências do processo de midiaticização dos mercados do sexo são as novas mobilizações usadas pelos(as) trabalhadores(as) sexuais para delimitar lugares de estigmatização inscritos, no limite, em experiências *diferenciadas* de prazer e perigo no interior de diferentes modalidades do trabalho sexual:

No contexto da midiaticização dos mercados do sexo emerge uma nova estratégia de diferenciação entre as atividades, que corresponde à defasagem entre ter contato corporal ou somente mediado com os clientes. Contudo, desta primeira divisão se engendra uma segunda, qual seja: a existência de um sexo qualificado como real (em presença) e de outro compreendido como simulado (mediado tanto pela câmera e transmissão televisiva quanto pelo computador conectado à internet).

Paul Bleakley (2014) descreve as atividades praticadas pelas *camgirls* a partir da produção de “materiais pornográficos customizados”, como outrora afirmaram Angel e Helena: “Eles pagam pela sensação de exclusividade e ‘proximidade’, ou, mesmo, pela ‘atenção.’” Henry e Farvid (2017) defendem que o *camming* envolve uma ampla gama de práticas com variações e (contestáveis) graus de erotismo, na medida em que algumas modelos de webcam alcançam sucesso financeiro sem remover suas roupas ou realizar qualquer ato sexual, praticando atividades como dançar, ler romances e revistas, ou simplesmente conversar. Bruna,<sup>44</sup> uma interlocutora, contou que “já ouviu falar de cliente que pediu pra uma menina não fazer nada, pra fazer tarefa de casa, pra assistir série, pra dormir”, acrescentando: “Eu atendi um que queria que eu lesse.” Sara, outra interlocutora, complementou: “Eu já fiz show no CP fazendo empadão.” A cientista social Mariana Rost (2016, p. 69) reflete:

Não se trata, por isso, de uma assepsia romântica ou moralista das relações, mas sim do processo de construção de um entendimento de que há ali uma intimidade. Isso deixa claro que a fantasia reside mais no acesso privado a uma pessoa e

---

44 Uma mãe na faixa dos 30 anos, parda, de corpo voluptuoso e cabelos lisos escuros e longos.

na identificação subjetiva com ela do que no caráter especial das imagens. Atividades que eram outrora secundárias se tornam primárias, como comprar uma pizza ou arrumar a casa.

Para a pesquisadora finlandesa, especialista em mídia, Susanna Paasonen (2010) e o teórico da comunicação J. Macgregor Wise (2004) a “webcam culture” inscreve a subjetividade contemporânea no interior de formações estruturais moldadas dentro de uma sociedade de vigilância. Esse é o ponto de partida para compreender a natureza da autenticidade incorporada como privilegiadamente mobilizada por um tipo de “trabalho afetivo/cognitivo”, observado no marco crítico na passagem da economia industrial para a pós-industrial (Bifo, 2003; Marques; Freitas, 2014; Codo; Vasques-Menezes, 1999) na medida em que distancia a matéria comercializada do *webcamming* erótico de uma prática exclusivamente sexual para ganhar privilégio na intimidade telemediada. A afirmação de Angel sobre “usar camiseta de anime ou banda” como estratégia de marketing e, mesmo, o interesse de Gabriela em pagar as suas contas navegando no universo *gamer*, reverberado por Redfetishist na possibilidade de “criar conexão”, evidencia que incorporar o autêntico significa apropriar-se da dimensão personalizada aberta pelas novas possibilidades telepresentes de interação.

A crítica da comunicação Kavita Nayar (2017, p. 485, tradução minha), ainda, fala em termos de uma “profissionalização da autenticidade” trazendo a defesa de sua interlocutora Lana: “Ser ‘autêntico’ não significa não fazer nada ou ser você mesmo.” Para Jones (2020), as modelos gerenciam autenticidade e realismo ao *mesmo tempo* que fabricam identidades que elas acreditam ter alto valor de mercado no campo de *webcamming*. É aqui que a estética realista amadora nos diz menos sobre a *revelação* de uma experiência verdadeira do que sobre a fabricação do verdadeiro – autêntico – enquanto uma experiência porno-erótica esperada/desejada. Autenticidade incorporada significa, ainda, o *apagamento dos esforços* implicados no universo de lingerie, maquiagens, ornamentações e litros de água oxigenada engajados no exercício de tornar-me *camgirl*.

## Considerações finais

O artigo buscou refletir sobre como a construção da autoridade e mobilidade etnográficas<sup>45</sup> são moldadas pelas complexidades intrínsecas às condições de existência particulares ao campo em que nos situamos. No meu caso, às estruturas de verificação e gerenciamento de confiança próprias aos sites e aos grupos de modelos usuárias das plataformas de *webcamming* erótico – a fim de driblarem as desigualdades nas políticas de segurança e compartilhamento de informações das empresas-plataformas; o compartilhamento de discursos de gênero/sexualidade defendidos por minhas interlocutoras que, no limite, se basearam em um tipo de solidariedade feminista radical; bem como as possibilidades de interação e contato com o público consumidor abertas pela exploração de um “capital erótico” (Hakim, 2010), intrínseco às expectativas de consumo desse mercado, desde minha *dupla* posicionalidade enquanto antropóloga e *camgirl*.

As posições feministas adotadas por minhas interlocutoras lançam pistas sobre a *mobilidade etnográfica* de colegas de pesquisa, sobretudo, no que tange às desconfianças enfrentadas por Silva (2014), forçando-o a produzir aparatos de verificação de sua identidade. Mesmo Machado (2021) e Caminhas (2021) tiveram uma recusa sistemática de suas investidas etnográficas. Jones (2020), apesar de contar com uma experiência anterior enquanto trabalhadora sexual, não escapou de questionamentos sobre sua conduta profissional. No entanto, a sugestão de Ágatha sobre a necessidade de identificar-me *enquanto mulher* trouxe à tona que a minha mobilidade para obtenção de dados em campo contava com um duplo privilégio, não só pela minha feminilidade cisgênero, mas também pelo fato de eu ser uma colega de trabalho. Essa dupla posicionalidade, por vezes, colocou-me em situação de compartilhamentos e afinidades pessoais, profissionais e cognitivas que foram traduzidas em credibilidade e confiança diante da minha presença em campo.

A negociação da minha mobilidade e autoridade etnográfica observou, ainda, uma crítica às estruturas de verificação presentes nas empresas-plataforma ao

---

45 Entendo por mobilidade etnográfica os movimentos de aproximação e distanciamento – seja físico, emocional, cultural – que o(a) antropólogo(a) desempenha em relação ao seu objeto ou universo de pesquisa. Esses movimentos estariam, no limite, relacionados às dinâmicas de confiabilidade articuladas no encontro antropológico.

desmistificar seu caráter objetivo e impessoal (Slee, 2019), demonstrando os critérios idiossincráticos realizados pelos clientes na avaliação das modelos bem como os critérios utilizados pelas modelos nas trocas de informações ao nível de sociabilidades microcoletivas. A circulação dessas informações aparecia, no limite, como necessária à estrutura de trabalho desregulada do empreendedorismo individual (Bregantin, 2021; Slee, 2019) vinculada ao trabalho nas plataformas de *webcamming* erótico comercial.

Por último, o exercício de “antropologizar-me” enquanto *camgirl* ofereceu um recurso metodológico e conceitual importante na observação das regularidades, circulações simbólicas e práticas no comportamento do público consumidor e sua intersecção com os discursos de minhas interlocutoras. É a partir dessa intersecção que caracterizo as expectativas de consumo bem como a própria matéria comercializada no mercado do *webcamming* erótico comercial, isto é: a comercialização da intimidade telemediada sob a égide da autenticidade incorporada. Esse exercício final, no entanto, não seria possível sem uma crítica radical à antropologia enquanto gênero científico dessexualizado observada na passagem de uma reflexividade “positivista” a uma reflexividade “parcial”.

## Referências

- ABU-LUGHOD, L. Writing against culture. In: OAKES, T.; PRICE, P. L. (ed.). *The cultural geography reader*. London: Routledge, 2008. p. 62-71.
- ASAD, T. et al. (ed.). *Anthropology and the colonial encounter*. London: Ithaca Press, 1973.
- BIFO, F. B. *La fábrica de la infelicidad: nuevas formas de trabajo y movimiento global*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.
- BLEAKLEY, P. “500 tokens to go private”: camgirls, cybersex and feminist entrepreneurship. *Sexuality & Culture*, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 892-910, 2014.
- BREGANTIN, R. *Desfamiliarização das funções da família e plataformação do trabalho: a lógica da servidão voluntária/involuntária*. 2021. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.
- CAMINHAS, L. R. P. A midiatização dos mercados do sexo e a configuração da experiência erótica mediada. *Galáxia*, São Paulo, n. 37, p. 162-174, 2018.

CAMINHAS, L. R. P. Webcamming erótico comercial. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 64, n. 1, e184482, 2021.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. Trad. Carlos Branco Mendes. In: SANCHES, M. R. *Deslocalizar a Europa: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*. Lisboa: Cotovia, 2005. p. 101-142.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout. In: CODO, W. (coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 237-254.

DIAZ-BENITEZ, M. E. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Museu Nacional/PPGAS, 2009.

DRENTEN, J.; GURRIERI, L.; TYLER, M. Sexualized labour in digital culture: Instagram influencers, porn chic and the monetization of attention. *Gender, Work & Organization*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 41-66, 2020.

DWORKIN, A. *Men possessing women*. New York: Perigee, 1981.

FAVRET-SAADA, J. "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERRAZ, C. P. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos qualitativos em mídias online. *Aurora*, [s. l.], v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: as confissões da carne: vol. 4*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HAKIM, C. Erotic capital. *European Sociological Review*, [s. l.], v. 26, n. 5, p. 499-518, 2010.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

HENRY, M. V.; FARVID, P. 'Always hot, always live': computer-mediated sex work in the era of 'camming'. *Women's Studies Journal*, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 113-128, 2017.

HINE, C. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. London: Routledge, 2020.

JONES, A. *Camming: money, power, and pleasure in the sex work industry*. New York: NYU Press, 2020.

KULICK, D.; WILLSON, M. (ed.). *Taboo: sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London: Psychology Press, 1995.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

LINO E SILVA, M. Queer sex vignettes from a Brazilian favela: an ethnographic striptease. *Ethnography*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 223-239, 2014.

LINS, B. A. *Caiu na rede: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MACHADO, B. B. *O trabalho sexual online com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo: um estudo exploratório*. 2021. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2021.

MALINOWSKI, B. *Um diário no sentido estrito do termo*. São Paulo: Record, 2012.

MARQUES, V. P.; FREITAS, I. O. M. de. A síndrome de burnout como decorrência das relações de trabalho na pós-modernidade. *Revista São Luis Orione*, Araguaína, v. 1, n. 1, p. 7-21, 2014.

MARTIN, D. *Riscos na prostituição: um olhar antropológico*. São Paulo: FFLCH/USP: Fapesp, 2003.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*: v. II. São Paulo: EPU: Edusp, 1974. p. 37-184.

MCLEAN, S. J. *Fictionalizing anthropology: encounters and fabulations at the edges of the human*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

MOCELLIM, A. D. *A metrópole virtual: uma alternativa ao conceito de comunidade virtual*. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

NAYAR, K. I. Working it: the professionalization of amateurism in digital adult entertainment. *Feminist Media Studies*, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 473-488, 2017.

OLIVEIRA, D. P. C. de. *Sobre aquilo que um dia chamaram corpo: corporalidade nas ambiências digitais*. 2017. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PAASONEN, S. Labors of love: netporn, Web 2.0 and the meanings of amateurism. *New Media & Society*, [s. l.], v. 12, n. 8, p. 1297-1312, 2010.

PARREIRAS, C. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 38, p. 197-222, 2012.

PATEMAN, C. Sexual contract. In: WONG, A. et al. (ed.). *The Wiley Blackwell encyclopedia of gender and sexuality studies*. [S. l.]: Wiley Blackwell, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781118663219.wbegss468>. Acesso em: 19 set. 2021.

PENNA, T. *A Poética de Aristóteles: conceito e racionalidade*. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINK, S. *Sarah Pink: digital ethnography*. Entrevista cedida a Thore Husfeldt. [S. l.]: University of Copenhagen, 26 Feb. 2018. 1 vídeo (46min59s). Publicado no canal IT University of Copenhagen. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ougt-GbkVRFM>. Acesso em: 19 set. 2021.

PRASAD, M. The morality of market exchange: love, money, and contractual justice. *Sociological Perspectives*, [s. l.], v. 42, n. 2, p. 181-213, 1999.

PRECIADO, P. B. *Testo junkie: sex, drugs, and biopolitics in the pharmacopornographic era*. New York: The Feminist Press, 2013.

ROST, M. *Sexualidades em negociação: a pornografia live streaming no CAM4.com*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

RUBIN, G. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, 2003.

SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANCHES, T. *A reinvenção dos corpos femininos nas plataformas de camming: uma aproximação indisciplinar entre pornografia, arte e outras impossibilidades*. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SANTIAGO, S. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

SENFT, T. M. *Camgirls: celebrity and community in the age of social networks*. New York: Lang, 2008.

SILVA, A. P. da; BLANCHETTE, T. G. Por amor, por dinheiro? Trabalho (re)produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão de obra feminina. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, e175019, 2017.

SILVA, W. *O sexo incorporado na web: cenas e práticas de mulheres strippers*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SILVA, W.; JAYME, J. G. Close na web: incorporando femininos desejáveis. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 194-216, 2015.

SLEE, T. *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*. São Paulo: Elefante, 2019.

STRATHERN, M. Os limites da autoantropologia. In: STRATHERN, M. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naif, 2014. p. 133-158.

SWAIN, T. N. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. *Unimontes Científica*, Montes Claros, v. 6, n. 2, p. 23-28, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

WISE, J. M. An immense and unexpected field of action: webcams, surveillance and everyday life. *Cultural Studies*, [s. l.], v. 18, p. 424-442, 2004.

ZELIZER, V. The social meaning of money: "special monies". *The American Journal of Sociology*, Chicago, v. 95, n. 2, p. 342-377, 1989.

Recebido: 31/01/2023 Aceito: 03/09/2023 | Received: 1/31/2023 Accepted: 9/3/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.